

O segundo turno na Rússia

Apreendeu o Exército Vermelho os ensinamentos nazis do último verão?

Tradução e adaptação do
Cel. JOÃO BAPTISTA MAGALHÃES

Faz agora um mês de primavera na Rússia. Foram-se as grandes nevadas. Acabaram-se os lamaçais. Na última quinzena, o solo tornou-se duro. Na Rússia, de meados de abril a maio, foi sempre o tempo de preparo do começo dos trabalhos de verão. Este ano, o mais duro começará antes cedo que tarde. No retorno das lamas do outono poderão a força militar germânica ou a russa ter sido destruídas. Metade do mundo está em jogo.

Seria ingênuo predizer o que acontecerá, e por isso não encontrará o leitor, prognósticos, neste artigo. O resultado final depende de muitas cousas, imponderáveis umas, mensuráveis outras, mas estas, assim mesmo *ocultas* pela censura.

— O moral das tropas alemãs irregeladas; o montante de suas perdas de pessoal, *experimentado*, das *panzer*; o esforço da recomposição da indústria russa. No entanto, se estes e outros importantes fatores não podem ser pesados, o mais significativo entre todos o pode.

Em última análise, as campanhas não são decididas pelo volume e qualidade dos meios empenhados, mas pelo modo porque os utiliza o comando. Ele é quem concilia a estratégia e a tática. Não foi a superioridade de forças, mas a da capacidade de sua aplicação que deu aos nazis seus triunfos do último verão, como foi o seu erro de julgamento, que os fez falir às portas de Moscou.

Este artigo tratará das idéias fundamentais dos dois partidos, reveladas durante os dez últimos meses: o como e o porque dos sucessos nazis do verão e dos seus reveses no inverno. Modificados e apurados de

(*) Extraído do número de Maio de 1942 de "Fortune".

- algum modo, estes mesmos motivos, estratégicos e táticos, serão decisivos fatores nas batalhas futuras.

* * *

Quando o adido militar nazi em Ankara, alardeava nos cafés, que tudo estaria findo em seis semanas, exagerava muito pouco o otimismo do próprio grande Estado Maior. Seis semanas? Desesseis? Ninguém estranho ao E. M. Germânico sabe ao certo o tempo por ele previsto, porém, qualquer um pode concluir, ter sido o mesmo da ordem de vinte e duas semanas. A campanha da Rússia, a maior, mais feroz e sangrenta que o mundo tem visto, começou em 22 de junho de 1941.

Devia terminar antes de 27 de novembro, isto é, antes do início do inverno da região de Moscou. Então, o *mínimo objetivo* do E. M. germânico teria sido alcançado. Leningrado estaria capturada. Moscou estaria tomada ou cercada. A bacia do Donetz completamente ocupada, privaria os russos das suas principais fontes de carvão e protegeria o flanco direito germânico para uma última corrida para o Cáucaso. O objetivo *máximo*, seria naturalmente a destruição do Ex. Vermelho e de todo poder militar soviético. Atingido o mínimo, era quasi certo alcançar o máximo.

Os Nazis formulavam seus planos, minuciosa e inteligentemente. O mundo ficou aturdido com as ofensivas feitas na Polônia, no Países Baixos e na França — o maior golpe de força e a mais ousada tática jamais vistos. Para a Rússia eles aperfeiçoariam este sistema de ofensiva.

Para compreender-se sua natureza, seria preciso dar um golpe de vista retrospectivo, sobre a Primeira Guerra Mundial. Quando o emprego, nessa guerra, de armas de fogo, em grande escala, levou a uma sangrenta estagnação, em toda frente, os ingleses e franceses, usaram tanques à guisa de escudos, atrás dos quais puderam avançar e restabelecer sua capacidade de manobra ofensiva. Os resultados foram promissores e, antes que os aliados tivessem aperfeiçoado seu emprego de tanques, além desta assistência à infantaria, ocorreu o colapso da Alemanha.

Preparando a presente guerra os E.E.M.M., francês e britânico, continuaram com a mesma doutrina para o emprego dos tanques. Entretanto, táticos germânicos o estudaram devotadamente e, por fim, em 1934, publicaram "*Der Kampfwagenkrieg*" (A guerra de tanques), escrita pelo General austriaco, da reserva, Ludwig Ritter von Eirmannsberger, o qual já anteriormente circulava entre os oficiais germânicos em caráter sigiloso. (1)

Os argumentos de Eirmannsberger eram simples. Usado com independência, dizia ele, o tanque não é um elemento subsidiário da ofen-

(1) Uma transcrição deste documento encontrava-se nos E.E.U.U. mas infelizmente o E.M. (General Staff) não o publicou.

iva, é "um instrumento de emprego autonomo, e em grande escala, na estratégia ofensiva" que pode dar "rápidas e completas soluções". Propoz deixar totalmente sem tanques as divisões de infantaria e constituir com eles divisões autonomas. Isto combinado com a motorização de divisões de infantaria, permitiria formar corpos e exércitos *panzer*, cujo emprego seria coordenado com o de poderosas esquadras aéreas.

Na batalha, as divisões de tanques penetrariam a fundo no dispositivo inimigo, as divisões de infantaria motorizadas, que as seguiriam de perto, guardariam os flancos da brécha assim aberta, até que a infantaria a pé chegasse para consolidar a posse das conquistas feitas. As forças aéreas fariam os reconhecimentos e atuariam como artilharia para a abertura da brécha, martelariam as comunicações e as reservas inimigas. Este esquema é hoje familiar a todos, mas foi somente na campanha da Rússia que foi amplamente empregado pelos germânicos. Na Polônia, deu-se cousa diferente. Apenas quatro divisões de tanques foram engajadas e estas bateram-se individualmente em sectores diferentes. Na França, ainda que divisões de tanques e de infantaria motorizada formassem muitas vezes grupos de ataque, aliás relativamente pequenos, houve, de fato, apenas um único emprego de *exército panzer*. Foi a força que rompeu as defesas em Sedan e fez a mais profunda penetração em direção ao Canal. Na Rússia, no entanto, os nazis empregaram provavelmente cerca de 27 ou 28 divisões de tanques e 28 ou 29 de infantaria motorizada, a maioria delas organizada em quatro verdadeiros e impetuosos exércitos tipo "von Eimannsberger" (2). Assim, o poderoso choque das forças lançadas contra os Soviets foi várias vezes mais forte do que o que demoliu a França.

Enquanto reajustavam seus exércitos, os germânicos também revisaram sua tática. Na Polônia e na França, a *blitzkrieg* era lógica e praticável. Não somente o espaço era relativamente pequeno e os adversários mal preparados, como havia, barreiras naturais contra as quais o inimigo poderia ser jogado e atacado: os pântanos de Prilep, na Polónia; o Canal, ao Norte, na França. Na Rússia, porém, as condições eram de sentido oposto, grande área e nenhuma barreira natural inabansponível. Ainda mais, os russos estavam esplendidamente equipados e sua defensiva tática tinha sido concluída, visando deter os tanques. Consequentemente, os germânicos adotaram uma *blitz* de caráter limitado. Uma série de rupturas e envolvimentos, os quais, em vez de abraçarem o todo de uma só vez, tratavam de liquidá-lo por partes. Um típico "wedge and kessel" representado no diagrama n.º 1 anexo.

(2) Muitos batalhões e regimentos de tanques e infantaria motorizada não são divisionários. São guardados em reserva pelo comando que emprega para reforçar as "panzers" ou servir de apoio à infantaria.

QUAL ERA A SITUAÇÃO DA MOTOMECANIZAÇÃO RUSSA ?

O instrumento que os germânicos iam empregar para realizar a doutrina anteriormente exposta compunha-se na opinião dos russos, de 170 divisões das quais um terço pelo menos, eram mecânicas ou motorizadas. Contando com as tropas rumenas, húngaras e de outros aliados, o total dos efetivos chegava quasi a 3.000.000 de homens. Enfrentavam inicialmente forças russas das guarnições avançadas, menos numerosas, porem, mais bem armadas. Contra 12.500 ou 13.500 tanques, atribuidos aos germânicos, os russos tinham cerca de 14.000 a 15.000. As 28 ou 29 divisões motorizadas germânicas, entre as quais 2 ou 3 aliadas, podiam os russos opôr o valor de, pelo menos, 30 outras. Em aeroplanos de guerra, os alemães apresentaram cerca de 8.000 a 8.500 contra 6.500 a 7.500 russos. Em seis semanas no máximo, os russos disporiam de 3.885.000 homens na fronteira. Além disso, tinham fortes reservas, não somente de homens e canhões mas de tanque e aeroplanos. Há razões para acreditar que, no início da campanha, seus parques de motomecanização compreendiam cerca de 25.000 tanques e os de aviação dispunham de cerca de 23.000 aeroplanos, havendo em fabricação cerca de 15 a 18.000 outros.

Assim, no primeiro tempo da invasão os nazis enfrentaram um adversário mais numeroso e melhor equipado. Contra este inimigo, eles procederam de modo a lhe enfligir estonteantes derrotas, tornando-o incapás de desencadear suas próprias ofensivas ou contra ofensivas em grande escala. Qual é a razão disto? Em parte reside na subtenidade do ataque germânico; e na superior qualidade dos comandos, oficiais e tropas, fortemente destacada na atual campanha.

Na maior parte, porém, estes fatos resultam da melhor organização e tática germânicas. Não se deve esquecer que os germânicos atacaram com 4, e depois, 5 grandes exércitos moto-mecanizados; constituídos de 4 ou 5 divisões moto-mecanizadas e 3 ou 5 divisões motorizadas de infantaria, cada um. As divisões de tanques, mais propriamente chamadas divisões couraçadas, compreendiam normalmente uma brigada de 416 tanques leves e médios, uma brigada de proteção de infantaria motorizada, um regimento de artilharia leve e numerosas outras unidades complementares. Assim, globalmente; um exército moto-mecanizado dispunha de mais de 1.600 tanques, e talvez outros tantos aeroplanos.

A Rússia, porém, dispunha de material para construir maiores exércitos moto-mecanizados. Onde estavam eles? Nunca existiram. Nem mesmo uma simples divisão moto-mecanizada. A maior unidade de tanques do Exército Vermelho foi a *brigada* com 270 engenhos couraçados enquanto que a brigada germânica dispunha de 416. Violando o mais antigo preceito da ciência militar — o da concentração de forças — os tanques espalhavam-se como camondongos no meio dos exércitos.

Cada divisão de cavalaria ou de infantaria, dispunha, organicamente, de um batalhão de 45 tanques.

Cada corpo de Exército de três divisões, dispunha de um regimento de 135 máquinas. Talvez 25 brigadas de tanques, algumas combinadamente com divisões de infantaria motorizada, tenham sido postas à disposição dos exércitos de infantaria, em todo caso, os tanques foram usados inicialmente como auxílio da infantaria, a qual a tática soviética ainda olha como a arma decisiva na ofensiva.

Na verdade, a doutrina soviética distingue entre P.P. tanques, para apoio da infantaria, e D.D. tanques, para ação longínqua. Enquanto, porem, a tática de emprego dos P.P. foi estudada em todos os seus pormenores, nenhum *Eimmsberger* russo produziu um sistema de emprego dos D.D. correspondente. Nem houve um oponente russo ao general Milch. Tal como os tanques, os aeroplanos eram pulverizados e expargidos por cima dos Exércitos.

As consequências foram tão fatais, como a morte. Grandes grupos de tanques germânicos cercaram pequenos grupos russos ou os destruíram.

De outro lado, os tanques da infantaria russa deram-lhe um poder combativo extraordinario e asseguraram-lhe o êxito em centenas de contra-ataques locais, — nos quais, no entanto, milhares de tanques russos — foram sacrificados pelas defesas anti-tanques germânicas — não conseguindo, portanto, tais êxitos locais resultados estartégicos. Os soviéticos caíram inevitavelmente na defensiva. O inverno veio pôr fóra de ação os tanques, de ambos os lados.

AS PROFUNDIDADES INSONDÁVEIS DE DEFESA

Os creadores e professores do exército russo foram o Marechal Tukhachevsky e seu "ideologista" General Triandofillow. Ambos se enfileiraram entre os maiores pensadores militares do século. Se apesar disso o Exército Vermelho não teve uma boa doutrina ofensiva, a culpa não foi deles. Em 1940 ambos estavam mortos. Triandofillow morreu em 1932 num desastre de aeroplano; Tukhachevsky foi executado em 1937, por "traição" e, possivelmente, tambem porque capitaneou a opposição contra as noções atrasadas de emprego dos tanques dos Marechais Voroshilov e Budenny. Há forte evidência de que ele tentou rever a doutrina tática dos soviets sobre o emprego dos tanques na ofensiva.

À *Tukhachevsky*, ademais, pode ser dado a maior parte do mérito do sistema defensivo que, a despeito das derrotas do verão, provou, por fim, ser valioso por si mesmo. O primeiro princípio de *Tukhachevsky* é que a defesa deve ser, principalmente anti-tanque.

Isto levou-o a concebê-la em grande profundidade (ver diagrama n.º 2 anexo) e com as características de que passamos a dar uma idéia.

Num importante setor, um Corpo de Ex. Vermelho (mais de 60.000 homens) normalmente, ocupa uma frente de 8 a 20 km (5 a 12 milhas). Não é uma desavisada condensação de forças: durante a primeira Guerra Mundial, muitas vezes a densidade de ocupação correspondeu a 13 km (8 milhas) de frente por C. Ex. No entanto, na primeira Guerra Mundial, a profundidade raramente ultrapassou 50 km (30 milhas) dos quais sómente os 5 primeiros, eram fortemente ocupados.

Em contraposição, um corpo soviético desdobra-se, incluindo as reservas de Ex. e a zona das etapas, até 150 km (95 milhas) de profundidade. Este enorme furo é dividido em tres zonas principais, cada qual contendo "ilhas de fortificações" interligadas pelo fogo que bate polegada por polegada de todo o terreno. Note-se ainda que as armas destas *ilhas* são dispostas em circulo — enquanto que na 1.ª Guerra Mundial o eram livremente — para poder bater os flancos ou as retaguardas do inimigo que haja irrompido pelos intervalos.

O segundo conceito da defensiva de *Tukhachevsky* — "a defesa deve surpreender" — leva o conjunto de todo sistema a ser astuciosamente dissimulado. Se o corpo de exército está em posição muito tempo, certos trabalhos são feitos com concreto.

Isso não é tudo. Se a área a defender é de primeira importância — Moscou por exemplo — uma zona de retaguarda de Exército pode ser considerada como frente e principal zona de um corpo de reserva semelhantemente desenvolvido. Assim, depois de lutar através de um sistema completo de defesas, os germânicos chocam-se, muitas vezes, contra sua duplicata. E, ainda que tivessem podido penetrar nesta também, mesmo assim, o caminho não estava aberto.

O segredo parece residir no sistema de mobilização soviético. Aparentemente cada distrito de mobilização, no começo da campanha, enviou sua quota de divisões equipadas e treinadas para a frente. Guardou contudo algumas unidades em reserva, com seu comando, quartel-general e esqueleto de organização para um exército completo.

Procedida a mobilização, gradualmente, pelo menos, umas tantas Unidades de reserva, foram formar divisões completas. Aconteceu, então, que o avanço germânico encontrou novos exércitos automaticamente constituídos, ao entrar em novos distritos de mobilização.

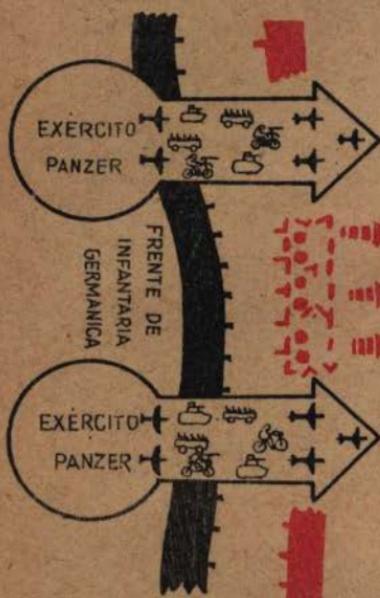
A idéia da tática das *panzers* e da defesa em profundidade ressaltada nos esquemas das batalhas de Uman e Kiev, na Ucrânia, Smolensk e da grande segunda ofensiva de Moscou. Eles mostram porque e como os germânicos foram bem sucedidos no início, por que fraquejaram e, finalmente, foram detidos.

A QUEDA DE KIEV

Na Ucrânia, a tática defensiva russa falhou completamente. Em parte, porque o terreno (chato, com poucos rios) era ideal para as *pan-*

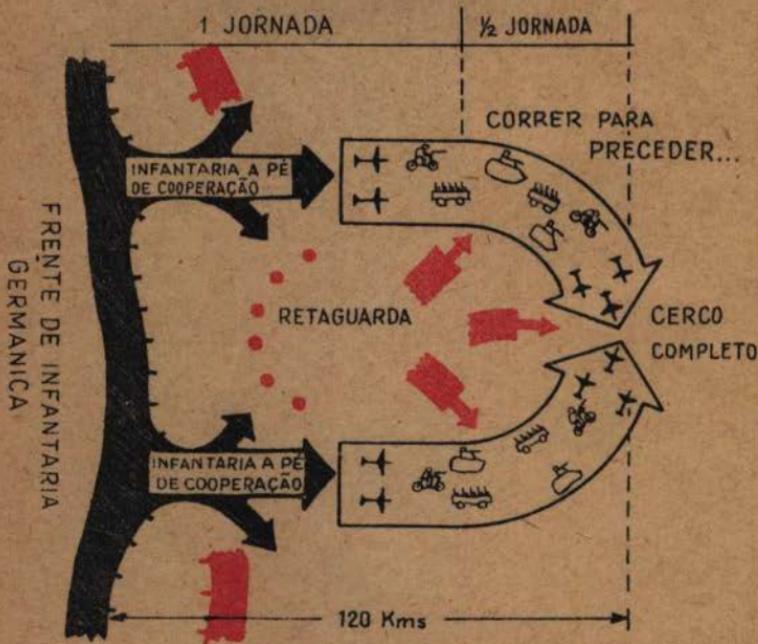
DIAGRAMA 2 A OFENSIVA NAZI NO VERÃO.

EXERCITOS PANZER ROM-
PEM SEPARADAMENTE AS
LINHAS RUSSAS.



INFANTARIA RUSSA
TENTANDO ESCA-
PAR AO ENVOLVI-
MENTO.

AS PANZERS AVANÇAM PARA SUBMERGIR AS RETAGUARDAS.



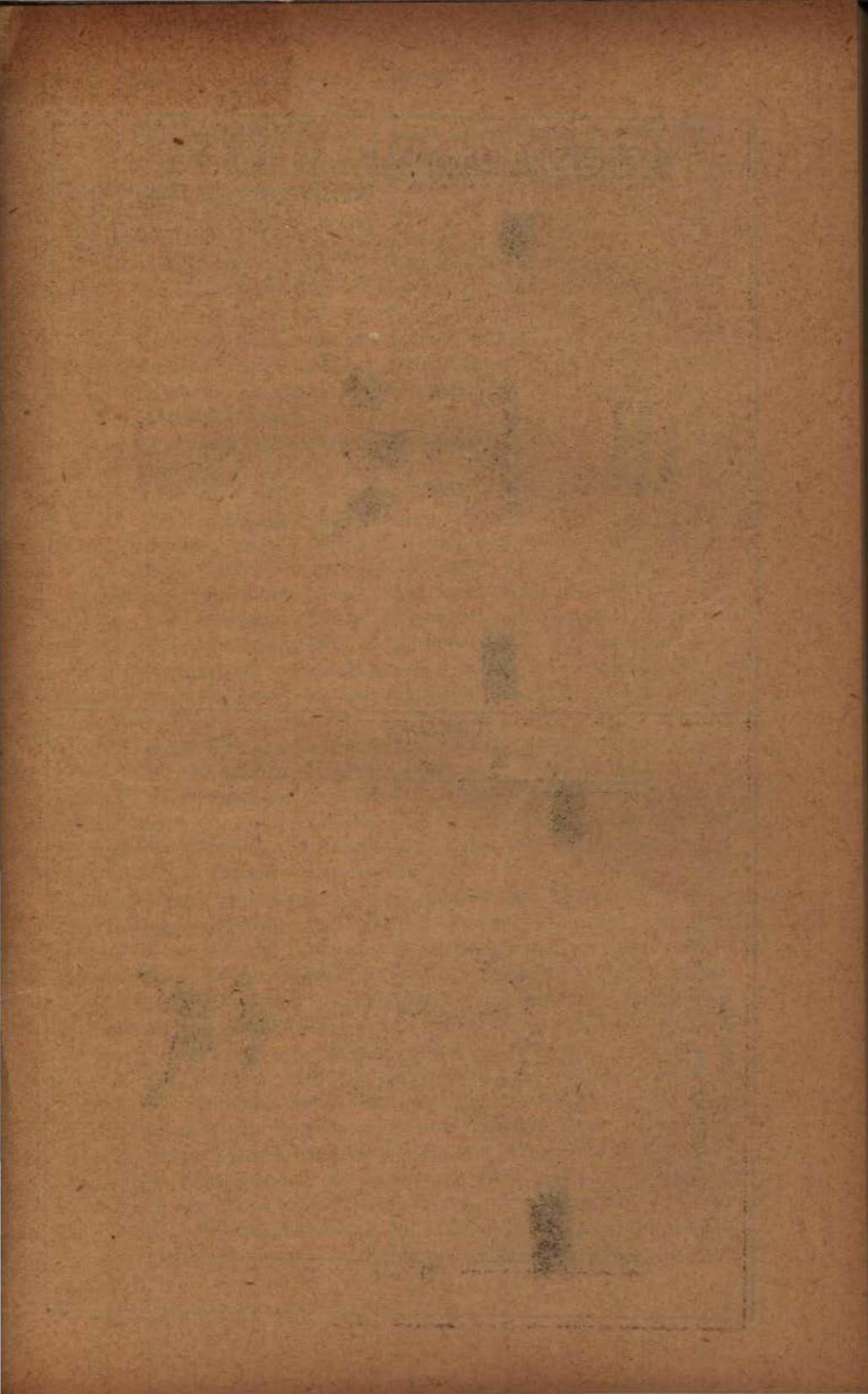
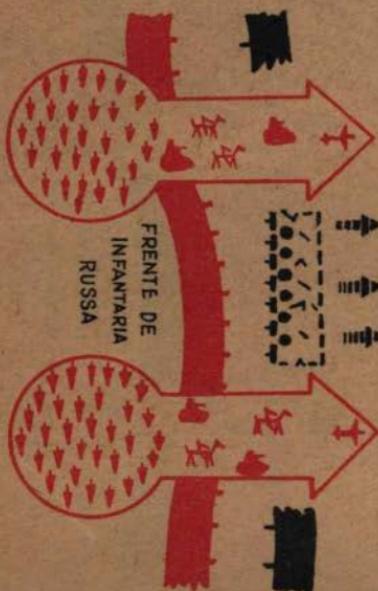
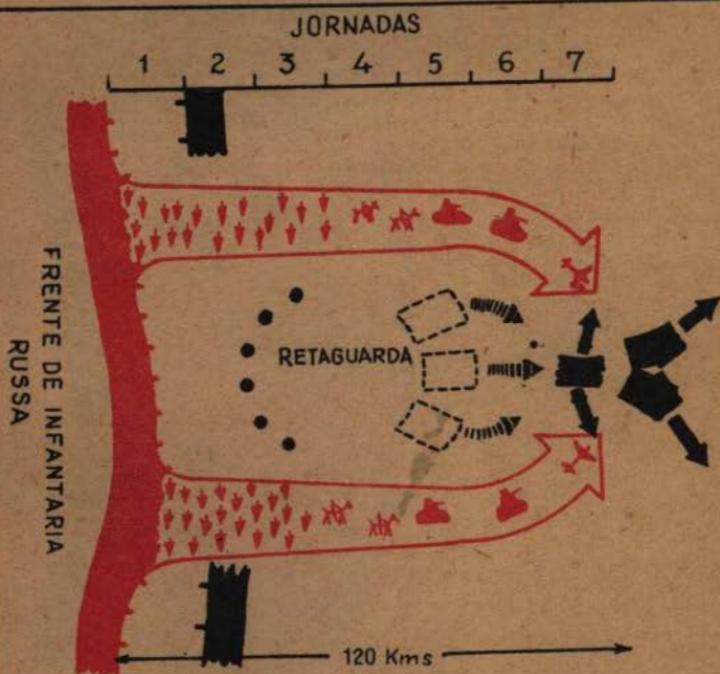


DIAGRAMA 2 BIS A OFENSIVA VERMELHA NO INVERNO.

DIVISÕES DE INFANTARIA VERMELHA, APOIADAS POR CAVALARIA, TANQUES E AVIAÇÃO FURAM A FRENTE ALEMÃ



INFANTARIA NAZI TENTANDO ESCAPAR AO ENVOLVIMENTO.



ers, mas, principalmente, porque as defesas soviéticas em grandes frentes, não era profunda como aconselhava a doutrina de Tukhachewky. Estas razões pode-se ajuntar a da mediocridade de Budenny oposta ao mérito real de "von Rundstedts".

No começo das hostilidades as forças de Budenny estendiam-se do mar Negro aos pântanos de Pripet. Depois dos fortes ataques de Von Tuelpnagel e von Reichnau, foram forçados a retrair seu flanco Norte para Kiev, enquanto a frente se curvava agudamente. Ao invés de retrair seu flanco Sul para reajustar sua frente, Budenny manteve-o firme.

Consequentemente, a já grande frente aumentou de muitos quilômetros e os defensores, já muito deficientes no começo, tiveram que se estender ainda mais.

Além disso, o arco formado na frente, deu a von Rundstedt uma oportunidade, feita sob medida para ensaiar cortar inteiramente as asas do Exército Russo, do Sul. Determinou ele ao Exército de Reichnau e ao Exército panzer, de Von Kleist, que havia poupado a espera de uma tal oportunidade, para romper a frente num ponto acima do saliente. As defesas russas deviam ser aí muito fracas para que Von Kleist as rompesse até Uman como uma faca contra a manteiga. A infantaria de Von Reichnau seguiu as *panzers* em marchas forçadas. Enquanto os russos se retirariam, às pressas, para lhes escapar, as tropas germano-rumaicas, ganharam as retaguardas, transpondo o Médio Donetz. Assim, foram os russos atacados de frente, pelo ar e pela retaguarda.

No sul, somente havia probabilidade de escapula, mas aí está o mar Negro. Cerca de dois exércitos retiraram-se para Odessa, onde foram cercados, mas, mesmo depois de sitiados puderam ser parcialmente evacuados pelo mar. Aproximadamente dois e meio exércitos foram cercados, na area de Uman e aí aniquilados. Com um sopro, toda parte sul da Ucrânia caiu em mão dos germânicos.

Ficaram, porem, remanescentes dos exércitos no Norte da Ucrânia. Outra vez Budenny desnordeou-se. Depois de completarem a ocupação do Sudoeste, os germânicos prepararam ostensivamente a travessia do Dnieper, dirigiram-se para a bacia do Donets. Vendo isto, Budenny lançou ao encontro suas reservas e os fragmentos de seus exércitos do sul. As preparações germânicas, porem, eram apenas um embuste. Em lugar da esperada travessia no grande arco, von Rundstadt ordenou à infantaria de von Reichnau, tentá-la a mais de uma centena de quilômetros ao Norte. Budenny havia enfraquecido suas defesas nessa area para fortificar-se no Sul. Poude assim von Reichnau fazer cabeças de ponte para as forças *panzers* de von Kleist que transpôz então o rio e espraiou-se pelas retaguardas e irradiou para Nordeste com facilidade, deixando Kiev longe, para trás. Simultaneamente as *panzers* de Guderian e a infantaria de von Weich que haviam operado na frente central do N. de Kiev, infletem para Sueste. Num ponto entre Poltava e Ko-

notp, põem cerco às retaguardas indefesas de Kiev para ultimar o envolvimento dos exércitos Norte de Budenny. Estava terminada a campanha da Ucrânia. Não estariam detidos os germânicos, enquanto não se completasse a nova mobilização dos distritos da bacia do Donets. (Figuras 3 e 4).

O CASO DE SMOLENSK

A batalha de Smolensk, embora tivesse fim análogo, foi uma outra história e teve consequências diferentes. Não era o chefe russo mediocre como Budenny. Os germânicos enfrentaram Timoshenko que não cometeria os mesmos erros. Ao meio de delgadas linhas de defesa, havia outras cuja profundidade e importância seriam apenas excedidas diante de Moscou. Além disso, os subúrbios de Smolensk eram defendidos em parte pelas organizações da linha Stalin, uma *cadeia de regiões fortificadas*, cujas construções obedeciam ao princípio das “*ilhas fortificadas em todas as frentes*”. Era, no entanto, relativamente fácil aos tanques penetrar pelos intervalos, mas, nesse caso seriam alvejados pela artilharia e depois atacados pela infantaria. Não obstante, muitos cêrcos foram ainda feitos por tanques e infantaria motorizada. Lançada mais ou menos a 11 de julho, pelo menos uma divisão *panzer*, penetrou até à região de Smolensk que atingiu aproximadamente a 15 desse mês. Agiram, procurando surpreender. Invés de fazerem uma parada para ligeiras reconstituições e depois efetuarem a manobra clássica sobre as retaguardas russas e as forças *panzers* nazis desencadearam violento ataque. Atingiram-nas com relativa facilidade, mas as encontraram defendidas por divisões vermelhas de reserva. A divisão *panzer* Hoth, por exemplo, foi detida cerca de 40 km além de Smolensk, com fortes perdas. Os *nazis* foram surpreendidos a seu turno. O Exército Panzer Hoth sofreu tanto que ficou fóra de ação até outubro.

Os acontecimentos que ocorreram logo depois foram mais significativos. Enquanto, no Sul os ataques *panzers*, o *envolvimento* e o *aniquilamento* precisaram apenas 10 a 15 dias, em Smolensk duras batalhas se desenrolaram durante cerca de 28 dias. A razão está não somente na *profundidade* das defesas *massiças* dos soviéticos mas também na *insuficiência* das massas atacantes nazistas. Isto podia parecer um enigma, mas atualmente, compreende-se ter sido a *mais importante fraqueza revelada* pelos germânicos.

Von Eirmannsberger e seus discipulos tinham sempre afirmado que à proporção entre as divisões *panzers* e as de infantaria motorizadas, deveria ser de 1 para 2. De acôrdo com isso, tratando-se de um inimigo devorador como a Rússia, deveria ser de 1 para 3! Ainda, os germânicos empreenderam a campanha da Rússia com o valor de 27 ou 28 divisões *panzers* e apenas com 29 motorizadas, portanto, somente, 1 para 1. Consequentemente, em Smolensk e em muitas outras batalhas,

os germânicos tiveram dificuldades em fechar as bréchas feitas pelos tanques. Conseguiram-no, na verdade, na maior parte, mas dificilmente. Emboscadas dos Exércitos vermelhos, mataram muitos milhares de homens da infantaria motorizada e muitas unidades vermelhas conseguiram iludir o cerco e escapar.

Estratégicamente, a maior duração da fase de "aniquilamento" teve enormes e importantes conseqüências.

Invês de tirar partido de seus sucessos, valorizando-os pelo início imediato de novos ataques e pondo os vermelhos fóra de causa, os germânicos foram forçados a esperar, enquanto as tropas soviéticas se fortificavam. Talvez mais que qualquer outro fato, foi esta a causa de não terem os germânicos atingido seus objetivos estratégicos antes do inverno.

Por que os germânicos não motorizaram as necessárias divisões de infantaria? Por que enquanto duplicaram suas divisões de tanques, entre maio de 1940 e junho de 1941, apenas só aumentaram divisões motorizadas de infantaria de um terço? Talvez substimassem os russos. Talvez lhes faltassem borracha e matérias primas para as viaturas de transporte de tropas. Talvez lhes faltassem gasolina e lubrificantes. Possivelmente, estas três razões e algumas outras influíram. Só os alemães podem a isto responder.

Não é este o único ponto fraco da longa campanha da Rússia. Não só foi necessária infantaria para completar a fase de "aniquilamento", por envolvimento das *panzers*, atacando pontos fortes e bem defendidas cidades, como também, mais frequentemente, para abrir o caminho. Ainda várias vezes, os germânicos na Rússia deixaram de reforçá-la bastante para afastar os inconvenientes apontados. A mais sensível falta deu-se em Leningrado. A tomada desta cidade teria acarretado o fim da Esquadra Russa do Báltico, e aberto no golfo da Finlândia uma linha de comunicações segura para os reaprovisionamentos e ainda, libertado, provavelmente 15 ou 16 divisões de infantaria germânica para outras missões. Leningrado foi virtualmente cercada, desde a queda de Schlüsselburg, a 8 de setembro. Houve várias semanas de bom tempo para batalhas. Apesar disso, não puderam os germânicos reforçar suficientemente a infantaria, para pesar na balança.

Ainda, — por que? Desta vez a resposta é clara. Na ofensiva, uma divisão de infantaria come mais e atira mais, consome cerca de 56 vagões ferroviários de suprimentos por dia. Para alimentar uma pesada barragem grandes massas de artilharia pesada necessitam, mesmo, mais vagões de munições. Os germânicos sentiram-no bem. Seus engenheiros e batalhões de trabalhadores repararam as devastadas vias férreas russas com espantosa rapidez. O funcionamento do reaprovisionamento empregou milhares de carretas e um milhão de cavalos em estradas sulcadas e lamacentas. Não bastou. Mesmo antes do inverno não puderam transportar o pessoal e matérias de que necessitavam. Ao con-

trário, para os russos defensores de Moscou e de outras grandes cidades, o problema dos reaprovisionamentos era muito mais fácil, pois operavam servindo-se de suas linhas interiores, ainda não atingidas (Fig. 5).

A DEFESA ENCARNIÇADA DE MOSCOU

A ofensiva contra Moscou, pôs em alto relevo vários pontos fracos do ataque germânico e a força da defensiva russa. O esforço germânico falhou por pouco, mas esse pouco nas circunstâncias da batalha, importaria em derrota importante. De fato; se para Hitler parecia um brinquito continuar, para o quartel-general germânico no entanto, o risco seria tão pequeno quanto a recompensa seria grande. Primeiro, a recompensa...

É duvidoso que a Rússia pudesse sobreviver à queda de Moscou. Ficaria seu moral mortalmente ferido e estaria privada de armas e da fonte mais importante de materiais. Onze das maiores estradas de ferro irradiam de Moscou. Para Leste, na larga extensão entre os Urais e a capital somente duas fracas linhas correm de Norte para o Sul. Assim, com a cidade tomada ou cercada, os transportes de tropas e reaprovisionamentos entre as frentes Central, Norte e Sul, bem como o fluxo vital de carvão e máquinas da bacia do Donets, estariam virtualmente parados.

Por volta de 16 de novembro, quando a grande ofensiva começou, as tropas germânicas estavam fatigadas e esgotadas. Ainda que o inverno começasse onze dias mais tarde, somente poucos homens dispunham de roupas de inverno. Os equipamentos estavam fora de uso e em muitas unidades os claros não tinham sido preenchidos.

Não obstante, Hitler atacou. A única explicação é que os germânicos acreditavam, de fato, como apregoavam, estarem as forças russas virtualmente aniquiladas. Decidiram dar o golpe de misericórdia, apoderando-se de Moscou, numa operação não excedente de duas semanas.

É uma conclusão que se pode tirar em face das características das forças incumbidas de sua execução. Tres exércitos germanicos foram empenhados nesta ação em 16 de novembro: um, forte exército panzer, ao Noroeste; um, de infantaria ao Centro, e um outro forte panzer, ao Sudoeste. Compreenderam 13 divisões de tanques, 5 divisões motorizadas de infantaria e 33 de infantaria a pé. E aqui está um fato surpreendente: — em vez de 3 divisões motorizadas para 1 panzer, teoricamente aconselhavel, havia menos de 1/3 para 1. Ainda, mais espantoso foi o fato da exiguidade total de forças. A frente era aproximadamente de 600 km (350 milhas) e, no entanto, a proporção de divisões de infantaria, inclusive motorizadas, correspondia a 1 divisão para cerca de 15 km (9 milhas). Numa ofensiva tão importante, a densidade de tropas deveria ser dupla, no minimo. A defesa russa contava com umas 65 ou 70 divisões, incluídas algumas de cavalaria, dando-lhes uma

superioridade numérica de cerca de 1 e 1/3 de forças. Dispunham de poucos tanques. Não eram, porém, os tanques a arma para ganhar esta batalha.

Não obstante, pareceu à primeira vista, que os exemplos de Unian, Kiev e Smolensk seriam repetidos, embora em menor escala. Após sete dias, o *Exército Panzer* do Norte rompeu e chegou até uns 50 km (30 milhas) próximo a Moscou. No centro, conseguiram aproximar-se bastante para bombardear os subúrbios da cidade. As *panzers* de Guderian, no Sul, lançaram uma pinça para Tula visando cortar a via férrea Moscou-Donbas. Moscou foi parcialmente evacuada. A situação tornava-se crítica.

Dia a dia, porém, o avanço tornou-se mais árduo para os germânicos. A ação tática das *panzers* emperrava-se cada vez mais: não havia logares indefesos na retaguarda, onde tomar alento, respirar um pouco. Já havia lama profunda por toda parte. Com os nevoeiros, as neblinas e a neve fina, a visibilidade era péssima. Finalmente, os tanques foram forçados a voltar, coisa que os germânicos nunca quiseram admitir, à condição de mero apoio da infantaria. E acabaram mesmo sendo menos ainda. Seus lubrificantes sintéticos começaram a gelar e bem assim os dos transportes da infantaria motorizada, das viaturas dos reaprovisionamentos e os dos aeroplanos.

Mesmo, em melhores condições, o ataque teria falhado. Os germânicos progrediam num país devastado onde os melhores meios de comunicação tinham sido destruídos. Os defensores, operavam com vantagens a esse respeito: uma grande atividade nas vias ferreas, boas estradas, veredas, linhas elétricas, cheias de estoques móveis. Massas de homens do Exército Vermelho podiam ser orientadas, em qualquer direção, em pouco tempo.

Em tais condições, a batalha estava perdida. Estava perdida por causa das defesas vermelhas massiças e profundas e a excelente possibilidade de transportes dos vermelhos. Estava perdida também, por penúria de infantaria germânica, transportada a pé, e por falta do moral confiante que antes animava as forças na realização de suas missões.

Durante os próximos cinco meses ulteriores, o Mundo viu, pela primeira vez, um Exército Nazi sitiado, retirando-se, batendo-se, não para avançar, mas para guardar suas conquistas.

CONTRA-OFENSIVA

Seria desejável poder-se concluir que a tática e o material vermelhos provaram ser superiores afinal. Infortunadamente isso não é possível. A principal razão para a ulterior passagem dos germânicos à defensiva foi o tempo. Desde que os tanques e os aeroplanos tornaram-se de pouca serventia na campanha do inverno, os germânicos tiveram de refluí-los, para a retaguarda a-fim de se refazerem para a

campanha do próximo verão. Sómente a infantaria foi deixada mais ou menos intacta e, tal como acabamos de vêr, era numericamente muito inferior à russa. Assim, a balança mudou e com isso todo carater da guerra. Não dispondo os russos de armas ofensivas, a batalha arrastou-se morosamente quasi como no tempo da primeira Guerra Mundial.

Parece provavel que, quando os russos tomaram a ofensiva, o Marechal Shaposhnikov, então chefe do E. M., não teve objetivos geográficos em seu movimento estratégico. Seu plano fôï, aparentemente, atacar como podia tão fortemente e tão frequentemente quanto possivel; não dar repouso aos fatigados germânicos; ferir-los durante o longo inverno, causando-lhes o máximo de perdas, desgastando-os. Se teve um único e importante *objetivo* foi o de aliviar *Leningrado*.

Foi este objetivo, em parte, a causa do sucesso russo ter sido mais importante na frente Central que no Sul. A reconquista da Criméia teria sido valiosa para os Soviéticos, não tanto, porem, quanto o desfôgo das indústrias de guerra de Leningrado. Consequentemente, a mais forte pressão russa foi exercida no centro. Alem disso, os germânicos não haviam sofrido tantas perdas no Sul como nos pontos, onde retrocederam, no Centro. E, finalmente, a região de Moscou, com excelente sistema de transportes, dava tambem inestimaveis vantagens para a ofensiva.

Apezar disso, o sucesso russo, no centro, foi limitado. Em cinco meses, os germânicos tiveram o domínio de uma região maior que a Hungria, Rumânia, Polônia, Austria, Checoslováquia e a Alemanha de antes de 1939, reunidas.

Nos quatro meses de inverno, os russos reconquistaram somente cerca de um quinto. A principal razão, por que não puderam ir mais alem, está na sua maneira de atacar.

Os táticos vermelhos treinaram, talvez, suas tropas para um poderoso tipo de ofensiva. Tal como a viam, cada setor de 50 km de frente, compreenderia 12 divisões de infantaria esteiadas por três outras motorizadas, à retaguarda. Com a infantaria haveria 24 batalhões de tanques. O setor seria tambem equipado com trabalhos de engenharia e reforçado por umas 2.500 peças de artilharia. O objetivo seria romper as linhas inimigas numa profundidade de cerca de 80 km em sete ou oito dias — em notavel contraste com as operações *panzer germânicas*, as quais não demandavam uma numerosa artilharia e atingiam muitas vezes a profundidade de 80 km numa só jornada.

Durante o verão e o outono, os russos nunca tiveram oportunidade para preparar uma tal ofensiva. Quando amainou o inverno tanto eles como os germânicos, estavam esgotados pelas interpéries. Não obstante, seu oleo ser melhor, os tanques DD não poderiam engajar-se em offensivas tão profundas como as das *panzers germânicas*. Grandes massas de artilharia não poderiam, tal como as divisões motorizadas de in-

fantaria, ser lançadas através das altas neves. No entanto como mostra o diagrama 3, a versão russa da manobra de "envolvimento e aniquilamento" no inverno, empregou somente poucos tanques, a guisa de pontas de lança, seguidos por cavalaria e tropas de esquiadores, em vez de infantaria motorizada, e finalmente — embóra de modo tardio — infantaria a pé.

A defensiva germânica teve que ser muito habil para manter-se. Os homens irregelados combatiam, retirando-se, combatendo de novo sem descanso, e morrendo.

Porem, não houve sinal de catastrophe generalizada. E, depois que os primeiros choques do contra-ataque se esgotaram, por si mesmos, os germânicos mantiveram-se com pertinácia num sistema de pontos fortes que seus engenheiros e trabalhadores organizaram rapidamente, em torno de pequenas cidades ou aldeias. Cada um desses pontos era como um "porco espinho" cujo corpo estava na cidade ou vilas, fortemente defendidas em todas as saídas por artilharia, com fortes organizações de concreto, ocupadas por numerosas tropas, além das *tropas de choque* para os contra-ataques; e cujos espinhos eram formados por subúrbios, granjas, aldeias fortificadas e ocupadas mais ligeiramente.

Esses *espinhos* eram protegidos pela artilharia pesada do *corpo*. As artilharias de dois corpos podiam usualmente prestar-se mutuo apoio. Os intervalos entre muitos *espinhos* e o *corpo* eram vigiados por formações móveis, fortemente armadas. Atrás destes pontos fortificados, ficavam as cidades também fortemente organizadas e ocupadas por importantes reservas. No caso de uma parte deste sistema ficar isolado, o reaprovisionamento far-se-ia pelo ar. O sistema lembra a organização russa em profundidade, mas feita de modo mais elástico. Pode ter sido mesmo inspirado pelo exemplo russo.

PODERA' A RÚSSIA MANTER-SE ?

Agora estamos em maio, o solo duro, o tempo favoravel para as batalhas. Irão as cousas modificar-se outra vez ? Irão os nazis percorrer de novo o terreno duas vezes devastado e ensaiar apoderarem-se dos objetivos que não puderam conquistar da outra vez, por causa do inverno ? Ninguem pode sabê-lo. Porem, a aparência é sugestiva.

No último 22 de junho, grosso modo, cerca de 100 km de território russo separavam os nazis de seus mínimos objetivos. Nove meses mais tarde, estes objetivos estavam a cerca de 80 a 300 km. A dedução é simples. Se os *nazis* puderam refazer os Exércitos que tinham a 22 de junho e a menos que os russes tenham refeito os seus próprios e readaptado sua tática, Hitler tem excelentes probabilidades de ver sua tropa desfilar em passo de ganso através da Praça Vermelha.

Pode a Rússia recuperar seus exércitos? Os germânicos proclamam e acreditam lhes ter infligido cerca de 10.000.000 de baixas. Atualmente essas perdas, correspondem a 4.500.000, mais alguns 17.000 ou 18.000 tanques e um proporcional acervo de aeroplanos, artilharia e outros materiais. O problema não será a infantaria, pois os russos podem mobilizar facilmente 10 a 15 milhões de homens. Artilharia e outras armas podem provavelmente ser obtidas.

O caso é, porém, diferente para os tanques e aeroplanos. As perdas das fábricas de tanques de Karkov, Kramatosk e Rotov, das minas de ferro de Krivoi Rog, da siderurgia de Dnepr e Donets, de um sem número de oficinas de armamento e de química, aqui e ali, — podem ter invalidado a produção soviética, mesmo apesar da remoção de muitas manufaturas para além dos Urais. Talvez hajam sido compensadas pelos E.E.U.U. e Grã Bretanha, mas a probabilidade parece remota.

Recuperou a Alemanha seus claros? Ela perdeu talvez 1.800.000 homens na Rússia, mais uns 218.000 noutras campanhas — uma grande perda, mas sem significação fatal. Tendo tido tempo de reparar e construir comunicações na Polónia e a Oeste da Rússia, iniciará provavelmente a campanha de verão com mais tropas ainda. Há, porém, uma cousa: — a *qualidade* das tropas é mais importante que a *quantidade*. As grandes perdas germânicas podem ter-se dado entre os amadurecidos e maravilhosamente treinados soldados das tropas *panzers* — difíceis, senão impossível, substituir num curto período de tempo. Para tanques e aeroplanos e outras armas, a Alemanha tem em sua vasta indústria recursos, afóra os de todo continente. Ainda, pode haver uma dificuldade para a infantaria motorizada, o ponto fraco no sistema alemão. E se é verdade que esta fraqueza resulta da deficiência de materiais para a rotação, o mesmo pode ocorrer com os tanques e aeroplanos.

O mais importante de todos os fatores — a tática Vermelha — está no mais profundo mistério. Se os soviéticos prepararam a contra-partida do forte poder ofensivo dos *panzers*, guardam segredo. Além disso os incompetentes foram afastados do alto comando. A autoridade ficou centralizada no Marechal Shaposhnikov, um inteligente estrategista. Os oficiais de estado maior vermelhos, os capitães, coroneis, comandantes de divisão mostraram ser surpreendentemente capazes e neste verão eles estarão melhores.

Em suma, a-pesar-das evidências serem favoráveis aos nazis, não são conclusivas. E' preciso admiti-las para os competentes chefes vermelhos, cuja falta foi em 1941 a maior e singular causa dos desastres soviéticos. E' preciso admiti-las para um mais completo sistema de defesa em profundidade, o qual agora pode ser mesmo baseado em organizações de concreto. E' preciso admiti-las para a vigilância vermelha: não haverá surpresa desta vez. E' admissível ainda que os aliados abram uma segunda frente. Podem haver reviravoltas da sorte que nenhum co-

FIGURA 3

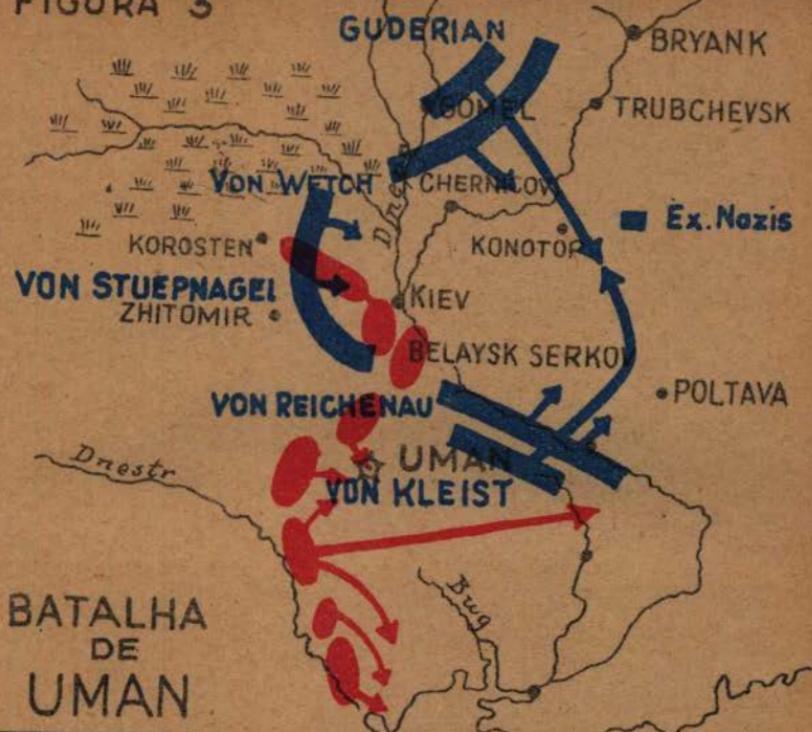
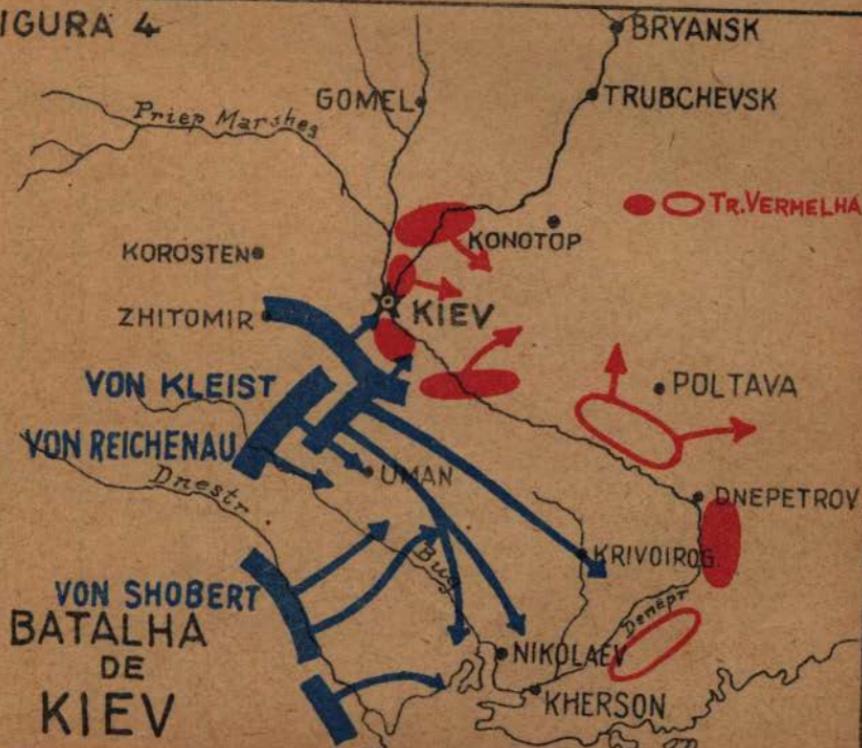


FIGURA 4



mando pode prever e que podem afetar profundamente o curso de uma batalha, campanha ou guerra.

Veremos no próximo Novembro. (3)

(3) Este artigo é baseado largamente na documentação de Mr. Alexander Nazaroff, de Nova York City. Russo de nascimento aqui reside desde 1921 e fez-se cidadão americano em 1923. Durante mais de 10 anos foi cuidadoso estudioso dos principios táticos e estratégicos dos soviets, da Alemanha e dos E.E. U.U.



— Se houver alguém, contudo, que deixe de cumprir o seu sagrado dever, por estar descoroçoado ou corrompido, que isso não seja por nossa culpa, se não por conta própria; e neste caso, esse transviado receberá, de conformidade com as nossas leis de guerra, o castigo que merecer. Esse, aliás, não seria brasileiro mesmo que tivesse nascido no Brasil. Divergir agora, com o inimigo às nossas portas, é trair; e divergir, mesmo por pensamento, ainda é uma abominável felonía. O Brasil tem que estar colocado acima de todas as discórdias e de todas as tendências dissociativas. Os que, não obstante a união nacional, continuarem a “torcer”, clara ou dissimuladamente, por ideologias exóticas de regimes alienígenas — tanto da direita como da esquerda — ou por sistemas já revogados, não estarão, por certo servindo a causa do Brasil. Quanto a inimigos internos de qualquer natureza, devem ser segregados, isolados, e como fistulas malignas, ser cuidadosamente cauterizados para não infeccionarem o organismo todo. E', pois, uma questão de policia e de Justiça.

GEN. EURICO DUTRA